

MEDO E MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL NO ALTO OESTE POTIGUAR-RN¹

PINTO, Francisco Ringo²
CARNEIRO, Rosalvo Nobre³

Resumo: O meio técnico-científico-informacional se difunde pelo território brasileiro a partir da década de 1970, sendo os espaços produzidos a partir da técnica, da ciência e da informação. Concomitantemente a este processo espacial verifica-se uma difusão da violência e do medo nas cidades de pequeno e médio porte. Assim, objetiva-se analisar as relações entre o medo e a configuração atual deste meio geográfico no Alto Oeste Potiguar. Apóia-se em Carneiro (2009, 2011), Baierl (2004), Santos (2008, 2012). Trabalha-se com dados de 2010 do 7º batalhão de polícia militar do RN sobre os 26 principais crimes na região. Na região os índices de violência são altos para os seus padrões municipais, formado por pequenas e médias cidades, totalizando no ano 1.046 crimes de caráter tradicionais e modernos, contribuindo para a manutenção do medo e criação de novos na população regional.

Palavras-chave: Alto Oeste Potiguar. Medo. Meio técnico-científico-informacional. Violência.

Abstract: The technical-scientific-information environment diffuses the Brazilian territory from the 1970s, and spaces produced from the technical, science and information. Concomitantly to this spacial process, it's possible to verify a spread of fear and violence in the towns of small and medium. Thus, It is aims to analyze the relationship between fear and the current configuration of this geographic space in the Upper midwest Potiguara. The study was based on the theories discussed by authors such as Carneiro (2009, 2011), Baierl (2004), Santos (2008, 2012). This paper presents to 2010 data from the 7th Battalion of Military Police RN on 26 major crimes in the region. In the region the indices of violence are high for their standards, formed by small and medium-sized towns, totaling in the year 1.046 crimes of modern and traditional character contributing to the maintenance of fear and creation of new dangers in the regional population.

Keywords: Upper Midwest Potiguara. Fear. Technical-scientific-information environment. Violence.

1 Este trabalho foi financiado pelo CNPq, que tem como Projeto de Pesquisa: “As Geografias da Violência e do Medo no Alto Oeste Potiguar-RN”.

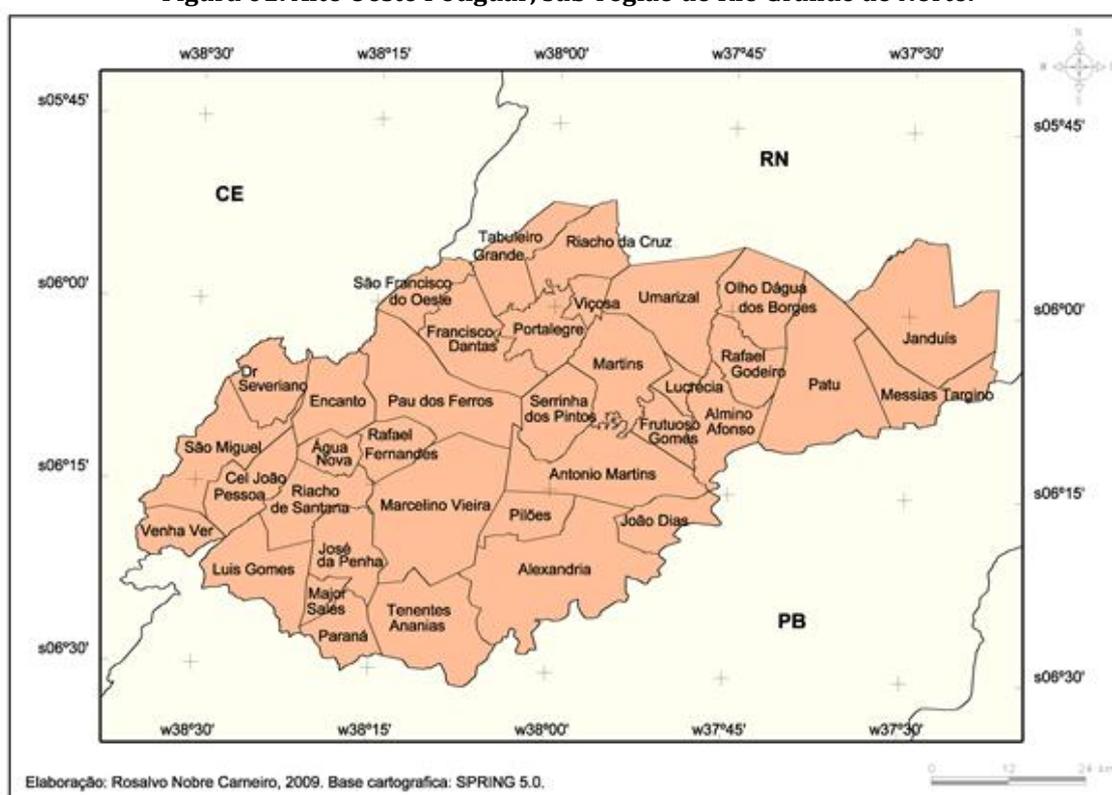
2 Graduando do Curso de Geografia e Bolsista PIBIC/CNPq. ringostar-50@hotmail.com

3 Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais e Humanas – PPGCISH - UERN e do Curso de Geografia – UERN – CAMEAM. rosalvonobre@uern.br

Introdução

O “meio técnico-científico-informacional” dentro da configuração atual do território tem gerado inúmeras mudanças no Brasil e no nordeste brasileiro, tais como, o avanço dos setores de serviços e comércios possibilitando maior circulação de produção em massa dos lugares, além da expansão de instituições de ensino em várias cidades de pequeno e médio porte. Por outro lado, na contramão deste processo há um aumento também da violência nestas mesmas cidades, gerada pelo capitalismo e seu processo de exclusão social, pelo consumo voraz, resultando em criminalidade e marginalidade. Neste contexto, o Alto Oeste Potiguar (figura 1), sub-região do Rio Grande do Norte formada por 36 municípios, assim como muitas outras sub-regiões do Brasil formadas por cidades de porte médio e pequeno estão inseridas neste contexto.

Figura 01: Alto Oeste Potiguar, sub-região do Rio Grande do Norte.



Diante disto, propõe-se estabelecer uma relação entre o medo social vivido pelas pessoas cotidianamente e o meio técnico-científico-informacional no Alto Oeste Potiguar, destacando assim, as relações contraditórias entre a conformação incompleta deste meio nesta região e a configuração de uma situação de medo humano e social causado pelo avanço da violência gerada pelo capitalismo, como a criminalidade, a marginalidade e uma série de condições negativas que são marcas dessa atual fase da globalização.

Este texto é fruto de pesquisa financiada pelo CNPQ, através de bolsa PIBIC e está pautado basicamente nos textos produzidos no projeto “As Geografias da violência e do medo no Alto Oeste Potiguar-RN”, realizado no âmbito do Grupo de Estudos sobre

Espaço, Ensino e Ciências Humanas, do Curso de Geografia da UERN. Além destes trabalhos de cunho empírico buscou-se uma aproximação com Bauman (2008), Baiertl (2004) e Tuan (2005), autores que abordam facetas dos medos contemporâneos, além de Santos (2006, 2008, 2009 e 2012) na qual insere a discussão sobre meio técnico-científico-informacional.

Os dados de criminalidade apresentados no corpo do texto são oriundos dos check-ups do 7º batalhão de polícia militar do RN, dos quais se priorizam neste estudo aqueles ligados a homicídios, embriaguez e acidentes de trânsito, pois conforme Carneiro (2009) tem defendido, a violência e o medo no Alto Oeste Potiguar tem se caracterizado até o momento por uma situação de tradicionalidade e modernidade, ou seja, ao lado de crimes de caráter histórico ou antigos que ocorrem na região, a exemplo de homicídios ligados a brigas familiares, há também aqueles novos, como os crimes ligados aos acidentes de trânsito, que emergem concomitante ao meio técnico-científico-informacional regional, pós 1990.

Na primeira parte deste trabalho aborda-se um viés mais teórico, a ligação entre medo e meio geográfico, isto é, a configuração conjunta do meio técnico-científico-informacional do Alto Oeste Potiguar e o surgimento de uma nova psicosfera da insegurança humana e social nesta região. Na segunda parte mostram-se os impactos negativos que o medo e o meio técnico-científico-informacional têm gerado no Alto Oeste Potiguar, a partir da análise dos índices criminais regionais. Na terceira parte é discutido o papel que a segurança pública tem exercido em relação à dinâmica sócio-espacial do medo nos municípios do Alto Oeste Potiguar. Por fim, conclui-se que o investimento na segurança pública e as políticas públicas elaboradas pelo Estado possam ser capazes de diminuir a pobreza, a exclusão social e a criminalidade.

Medo e meio técnico-científico-informacional: breves discussões e interações conceituais

O medo e o meio técnico-científico-informacional são dois elementos contraditórios, que estão inseridos no espaço geográfico. Se esse meio é a cara geográfica do atual processo de globalização, por outro lado este mesmo processo acelerado, competitivo, exclusivo é gerador de violência cujo outro par indissociável é o medo. Assim, este é outro que acompanha a configuração do meio técnico-científico-informacional no Brasil e no Alto Oeste Potiguar em particular. Cabe dizer com Santos que este meio

[...] é marcado pela presença da ciência e técnica nos processos de remodelação dos territórios essenciais às produções hegemônicas, que necessitam desse novo meio geográfico para sua realização. A informação, em todas as suas formas, é o motor fundamental do processo social e o território é, também, equipado para facilitar a sua circulação (SANTOS, 2009: 38).

Se de um lado, essa fase configura uma realidade global, que se expande e se instala desde o local ao global e vice-versa, o carro chefe que marca a atualidade na qual estão inseridos os elementos científicos e informacionais mais rápidos e renovados da sociedade contemporânea, cheios de rapidez e intensidades, “a fase em que os objetos técnicos tendem a ser ao mesmo tempo técnicos e informacionais, já que graças à extrema *intencionalidade* de sua produção e de sua localização, eles já surgem como *informação*” (SANTOS, 2012: 238, grifo nosso), do outro lado, o medo é o elemento que surge também nessa fase e é o sentimento conhecido de toda a espécie humana, cheio de paisagens assustadoras, com sensações desagradáveis e diferentes formas de interpretações e que as pessoas compartilham dessa experiência no dia a dia.

O medo se difere em várias regiões por consequência da insegurança desde pequenas às grandes cidades, assim como nas leis e lógicas de mercados que impulsionam a competitividade, na violência dos bairros, das ruas, dos becos escuros, das avenidas, no trânsito agitado e movimentado, nas relações de convivência e sociabilidade entre as pessoas relacionadas às suas atitudes, comportamentos, crenças, etnias, gêneros ou preconceitos, enfim, o medo está em toda parte.

O medo ronda à tona, transformando as regiões e as cidades num palco extremamente assustador, de angústia, desconfiança e pavor., conforme aponta Caldeira: “A vida cotidiana nas grandes cidades vem se modificando em consequência da criminalidade, da violência e do medo” (apud BAIERL, 2004: 61). As pessoas acabam produzindo diversas paisagens de medos, carregadas de sentimentos negativos, vindos da imaginação gerados pelas atrocidades da realidade.

É um fenômeno particular de cada indivíduo, de cada sociedade e de cada geração que varia conforme as mudanças temporais e espaciais. Os medos são uma experiência viva da qual experimentamos frequentemente e intimamente no nosso dia a dia, pois como o trecho mostra:

[...] eles podem vazar de qualquer canto ou fresta de nossos lares e de nosso planeta. Das ruas escuras ou das telas luminosas dos televisores. De nossos quartos e de nossas cozinhas. De nossos locais de trabalho e do metrô que tomamos para ir e voltar. De pessoas que encontramos e de pessoas que não conseguimos perceber. De algo que ingerimos e de algo com o qual nossos corpos entraram em contato. Do que chamamos “natureza” [...] ou de outras pessoas (prontas, como dificilmente antes em nossa memória, a devastar nossos lares e empregos e ameaçando destruir nossos corpos com a súbita abundância de atrocidades terroristas, crimes violentos, agressões sexuais, comida envenenada, água ou ar poluído) (BAUMAN, 2008: 11).

O medo pode estar presente desde os acontecimentos dos fenômenos naturais, isto é, catástrofes naturais ou consequências humanas geradas pela sociedade atual, como também na violência, exclusão social, miséria, criminalidade, além de outros fatores que impulsionam a expansão dos mercados globais até a geração altamente tecnológica, fruto do atual contexto da Globalização.

Diante de inúmeros fatores que vem alterando o espaço geográfico, do mal-estar que assola a sociedade atual, sobretudo consequências negativas geradas pelo capitalismo avassalador, é preciso refletir sobre as mudanças que por sua vez, vem trazendo do passado e tem refletido no mundo atual, pois:

Nos últimos cinco séculos de desenvolvimento e expansão geográfica do capitalismo, a concorrência se estabelece como regra. Agora, a competitividade toma o lugar da competição. A concorrência atual não é mais a velha concorrência, sobretudo porque chega eliminando toda forma de compaixão. A competitividade tem a guerra como norma. Há, a todo custo, que vencer o outro, esmagando-o, para tomar seu lugar. (SANTOS, 2006: 46)

Podemos dizer que o medo caminha em conjunto com o atual processo global, que se espalha em diferentes contextos, no qual, não somente os grandes centros urbanos são testemunhas vivas dessa atual fase, que é o período técnico-científico-informacional, mas as pequenas regiões também são alvos, incluindo setores empresariais, ciência e informação, contudo, é necessário concordar com Santos quando diz que: “Antes, eram apenas as grandes cidades que se apresentavam como o império da técnica, objetos de transformação, crescimentos, cada vez mais sofisticados e modernos” (2012: 238).

Hoje o investimento na área da saúde, a expansão do setor secundário e terciário, o aumento do fluxo populacional de pessoas vindas de outras cidades até Pau dos Ferros, que no caso é a cidade polo da região, apontam claramente a ligação da região com o período atual. Apesar de ser uma média cidade, com 27.745 habitantes (IBGE, 2012), Pau dos Ferros vem apresentando condições necessárias em termos de serviços, comércios e instituições de ensino, para atender a população local e as pessoas advindas de outras cidades e regiões do Rio Grande do Norte, Ceará e Paraíba.

A implantação do meio técnico-científico-informacional tem sido acompanhada por mudanças tanto positivas como negativas para as regiões em que a técnica, a ciência e a informação passam a fazer parte permanentemente de sua existência relacional. Numa visão positiva, podemos dizer que o papel que exerce a informação nessa fase é a proximidade dos lugares e a aceleração dos momentos, ou seja, a celeridade de sua função vem aumentando em tempo real desde as instâncias globais às locais, diminuindo as distâncias espaciais, o que produz em tempo real a comunicação em massa na escala planetária. Assim, “No começo do século XX, o período de desenvolvimento de uma tecnologia era, em média de 37 anos, prazo que baixa para 24 anos no período entre as duas guerras mundiais, para reduzir-se a 14 anos após a Segunda Grande Guerra” (SANTOS, 2012: 179).

Já a questão negativa que se coloca em relação a esse meio é que as alterações ocasionadas para um tempo novo da produção, de bens materiais e de consumo e mercados consumidores, não tem provocado somente transformações no âmbito da esfera política, econômica e sociocultural, mas a violência, a criminalidade, as injustiças, além da exclusão social é fruto desse período, que marca a fase atual da sociedade contemporânea. Neste sentido, Baierl salienta que:

As mudanças provocadas pelos avanços tecnológicos, acompanhados das alterações significativas que ocorrem na produção em escala mundial, afetam profundamente o mercado formal de trabalho e têm impacto significativo na vida das pessoas. Os processos de Globalização se intensificaram de tal maneira que se dão não somente nas dimensões econômicas, políticas e sociais. Vivemos como nunca, a globalização da miséria e da criminalidade (Baierl, 2004: 20).

Num certo período de espaço e tempo vivemos um conjunto de renovações e inovações ocasionadas pela celeridade da globalização, que por trás da produção de riquezas, do poderio econômico e uma pequena gama de classes ricas existentes não somente no Brasil como no mundo, há um sentimento de revolta e insatisfação com a enorme exclusão social, a fome e a miséria que são conteúdos extremamente preocupantes que vem se intensificando a cada dia. O que se chama de violência urbana tais como: os assaltos, o tráfico de drogas e os homicídios são consequências geradas por aqueles que não têm oportunidades de estarem inseridos nas normas desse mundo global.

No caso do Alto Oeste Potiguar, assaltos e tráfico de drogas ainda não são vistos com tanta intensidade como em algumas cidades brasileiras de médio e grande porte, como por exemplo, Mossoró no próprio Rio Grande do Norte. O que se aponta em nossa região, ainda são aqueles ligados a crimes tradicionais como no caso de brigas ocasionadas por intrigas familiares, consumo de álcool, homicídios e roubos, mas também, há aqueles ligados à modernidade, como por exemplo, os assaltos a bancos que tem sido muito frequentes na região nos últimos anos, acidentes de trânsito e o tráfico de drogas que vem aumentando a cada dia.

O fluxo populacional em busca de capacitação e formação profissional não só de pessoas da própria região, mas também, de outros estados do Nordeste brasileiro, que se deslocam de suas regiões para o estado do Rio Grande do Norte e conseqüentemente para a região do Alto Oeste Potiguar, possibilitando a troca de conhecimento e informação entre pessoas de diversas localidades regionais é uma característica comprovada, sobretudo, com a chegada de algumas instituições acadêmicas de ensino não só em Pau dos Ferros, mas também em Marcelino Vieira, São Miguel, Alexandria e Luís Gomes. Dessa maneira, a “instantaneidade da *informação globalizada* aproxima os lugares, torna possível uma tomada de conhecimento imediata de acontecimentos simultâneos e cria, entre lugares e acontecimentos, uma relação unitária na escala do mundo” (SANTOS, 2008: 46-47, grifo nosso).

O medo caminha em conjunto na medida em que esses processos de mudanças vão ocorrendo conforme o tempo, se por um lado o fluxo constante de veículos aumenta nas rodovias de algumas cidades da região, sobretudo, aquelas localizadas na BR-405, por outro lado vem aumentando o número de acidentes de trânsito nessas rodovias, chegando a ocasionar vítimas fatais, que serão discutidas adiante.

Contudo, se a violência e o medo já dominavam as grandes cidades desestruturando a vida social das pessoas, corroendo com sentimentos negativos e povoando-as com inúmeras paisagens assustadoras no final do século XX e início deste

século, as pequenas cidades já testemunham esse mal-estar.

Psicosfera e tecnosfera da (in)segurança

Segundo Carneiro (2010: 03), as “paisagens do medo são fruto também da própria estruturação social, da forma como o sistema coloniza o mundo vivido”. Esse mesmo sistema que cria tecnologia e ciência vem se acelerando com o mundo moderno, o que o torna autônomo e preciso nos seus propósitos, diminuindo as distâncias, aproximando os lugares e garantindo segurança e bem estar social para as pessoas, isso tudo parece ser uma farsa diante de uma geração aterrorizada e amedrontada pelo caos do mundo contemporâneo, que pode estar atrelado à violência, as injustiças e a exclusão social das classes menos favorecidas.

O problema não está nas tecnologias produzidas que possam atender todas as demandas sócio espaciais, mas o grande problema é para que são produzidas e que propósitos. O aparato de armamentos disponíveis no mercado global está a serviço dos bandidos, da criminalidade e do caos, contrabalançando o aparato policial, que se torna incapaz de garantir a segurança humana e social. Diante desta realidade, Carneiro (2008) se propõe a estudar a violência na região do Alto Oeste Potiguar, Rio Grande do Norte, utilizando-se dos conceitos de tecnosfera e psicosfera elaborados por Santos (2008: 30), para quem a “tecnosfera é o resultado da crescente artificialização do meio ambiente. A esfera natural é crescentemente substituída por uma esfera técnica, na cidade e no campo” ao passo que a “psicosfera é o resultado das crenças, desejos, vontades e hábitos que inspiram comportamentos filosóficos e práticos, as relações interpessoais e a comunhão com o Universo”.

Devemos tomar como exemplo: a esteira das transformações oriundas da revolução técnico-científica; a produção em massa de armamentos químicos e nucleares, além da indústria do crime circulando por todo o Brasil e em alguns países do mundo, podem ser uma dessas consequências do medo contemporâneo. Porém, não devemos esquecer que as palavras de Bauman, relatam bem essa fase: “A geração mais tecnologicamente equipada da história humana, é aquela mais assombrada por sentimentos de insegurança e desamparo” (2008: 132).

No que se refere à região do Alto Oeste Potiguar, essa realidade não está longe de ser vista e sentida, pois o medo vem aumentando em suas cidades, assim câmeras de segurança nas agências bancárias, nos semáforos do trânsito e outros equipamentos a serviço da segurança não têm sido suficientes para diminuir os crimes e o medo na região, ou seja, o avanço desta tecnosfera pelo território é acompanhado do aumento da psicosfera diretamente ligada a ela, seja como sensação de segurança, insegurança ou medo. Esta situação, corrobora a afirmação de Santos (2008: 30), cujo meio técnico-científico-informacional no Brasil é “[...] muito mais presente como psicosfera que como tecnosfera”, o mesmo ocorrendo, portanto, na região de análise.

Sendo uma região sertaneja do estado do Rio Grande do Norte, com clima

semiárido e uma população estimada em 241.211 habitantes (IBGE, 2010), distribuídos em seus 36 municípios, cuja base econômica é ligada à agropecuária e à agricultura de subsistência, também se alarga no contexto desses dois elementos, todavia, a instalação de algumas instituições acadêmicas estaduais e federais em algumas cidades da região, o surgimento de algumas lojas de comércio e serviços, aumentou a mobilidade espacial das pessoas e conseqüentemente o fluxo de veículos na região do Alto Oeste Potiguar, sobretudo, na cidade de Pau dos Ferros que recebe por dia, mais de 60 mil pessoas de toda a região e de alguns estados vizinhos como o caso da Paraíba e do Ceará.

O medo pode surgir de diversas formas, de várias situações e lugares, no caso da região do Alto Oeste Potiguar, este é mais caracterizado pela violência que paulatinamente vem crescendo na região e o atual processo de globalização vem favorecendo instrumentos tecnológicos como no caso da instalação de cercas elétricas nos muros altos das residências, câmeras de segurança que dão uma sensação de segurança aos indivíduos, mas acaba tornando-se um verdadeiro cárcere privado.

Na “tromba do elefante” cada vez mais a sociedade investe na construção de uma *tecnosfera da segurança privada*, isto é, um conjunto de tecnologias particulares utilizadas com o objetivo de reconstituir a sensação de segurança, resultante da deficiência da *tecnosfera da segurança pública* ou o conjunto de tecnologias do Estado utilizadas pelo aparato policial para garantir a sensação de segurança da população. (CARNEIRO, 2009: 12, grifos do autor)

Na mesma linha de pensamento Baiertl ressalta que:

[...] As pessoas constroem prisões para proteção e defesa da vida e de seu patrimônio. Criam-se desde os mais simples até os mais sofisticados sistemas de segurança e de proteção de patrimônios e da própria vida: desde altas tecnologias, blindados, sensores eletrônicos, câmeras escondidas que vigiam espaços, até o conjunto de seguros de casa, carros e de vida. [...] (BAIERL, 2004: 62).

Diante das ideias destacadas acima, percebe-se que a violência se intensifica de uma forma preocupante, aprisionando as pessoas em seus lares e impedindo-as de viverem em liberdade. Percebe-se que uma “arquitetura do medo”, no dizer de Carneiro; Lins e Silva (2011), está cada vez mais presente nos muros das residências com cercas elétricas, grampos entre outros subsídios de segurança existentes principalmente em médias cidades, como constatado para a cidade de Pau dos Ferros-RN.

O roubo a residências é um dos motivos pelos quais as pessoas instalam instrumentos que lhes garantam segurança. Assim, na opinião de Melgaço, a “psicoesfera do medo aparece assim como uma precondição e uma justificativa para a instalação de uma *tecnosfera da segurança*” (2010: 106, grifos do autor). Essa mesma tecnosfera que privatiza a liberdade das pessoas fazendo com que elas deixem de sair de casa para ir visitar a rua, a praça e os amigos. As pessoas vivem lutando contra os perigos, tentando fugir deles, tirá-los do seu cotidiano, e como vivemos numa metamorfose de espaço de desconfiança, habitado pelas inúmeras ambigüidades produzidas pelo medo, isso fica

difícil.

No ambiente líquido-moderno, contudo, a luta contra os medos se tornou tarefa para a vida inteira, enquanto os perigos que os deflagram – ainda que nenhum deles seja percebido como *inadministrável* – passaram a ser considerados companhias permanentes e *indissociáveis* da vida humana. Nossa vida está longe de ser livre do medo, e o ambiente líquido-moderno em que tente a ser conduzida está longe de ser livre dos perigos e ameaças (BAUMAN, 2008: 15, grifos do autor).

Se nos grandes polos urbanos o medo sempre foi a companhia e o elemento perturbador gerado pela força humana, pelas armas de fogo e outras ações violentas dominantes, nas pequenas e médias cidades, em especial no Alto Oeste Potiguar, a exemplo de Pau dos Ferros, São Miguel, Alexandria e Umarizal, o medo vêm se espalhando frequentemente ligado à violência tradicional já existente na região e, se expandindo conectados aos crimes modernos (CARNEIRO, 2008).

Em função deste espalhamento, expansão ou difusão espacial não só da violência, mas como também do medo, pode-se dizer que a configuração das psicofera e tecnosfera da insegurança no Alto Oeste Potiguar requer para efetiva solução desta problemática social uma atuação conforme do poder do Estado, em suas diversas frentes, incluindo a atuação do aparato repressor, capaz de garantir a paz, a segurança e uma vida com medo reduzido para a sociedade civil.

O Caráter espacial do medo e o papel da Segurança Pública

A segurança pública tem como papel fundamental garantir a proteção dos direitos individuais e assegurar o pleno exercício da cidadania. Cabe ao Estado garantir a segurança de pessoas dentro de todo o território brasileiro, a defesa dos interesses nacionais, o respeito pelas leis e a manutenção da paz e ordem pública.

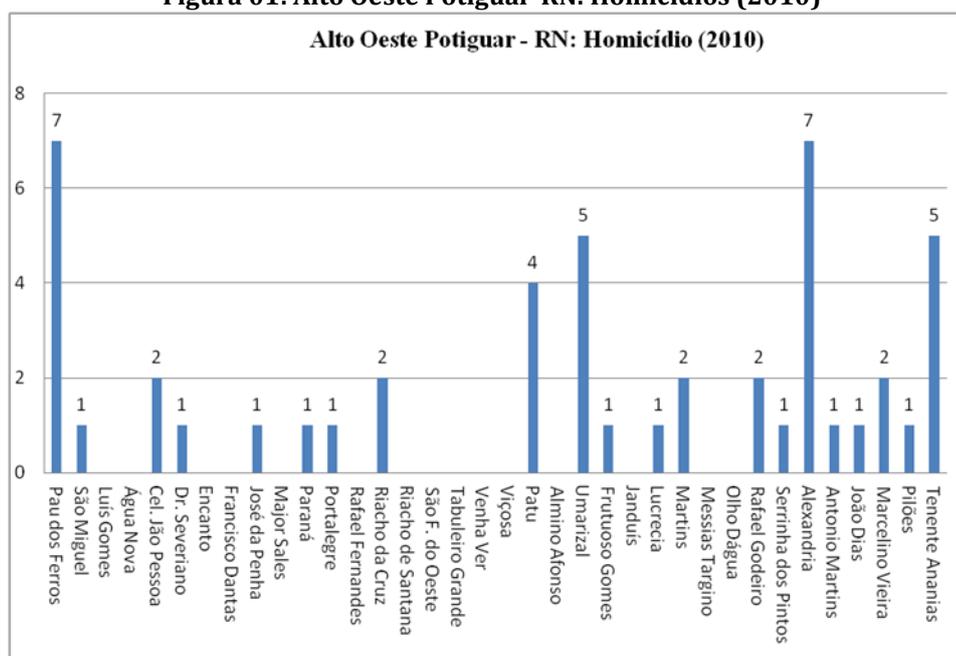
Investir na segurança da sociedade contra o medo é papel das ações governamentais do Estado, para diminuir ações violentas como os roubos, os assaltos, acidentes de trânsito e outras problemáticas da violência moderna comuns no cenário regional. Em relação à região do Alto Oeste Potiguar a segurança ostensiva é garantida pelo 7º Batalhão de Polícia Militar mediante sua tecnosfera da segurança, no entanto com relação aos veículos de ronda pelos bairros das cidades.

[...] Cabe destacar que o número de veículos à disposição do policial vai diminuindo de uma Companhia para um Pelotão, e deste para um Destacamento, acompanhado também pelo declínio do número de policiais da ativa, aqueles que exercem suas funções regularmente. [...]. Porém se não há uma troca regular e periódica desses veículos, por parte do governo federal, estadual e até municipal, acaba-se por haver o sucateamento desses veículos, fato que já vem acontecendo, impactando assim na construção de uma psicofera da insegurança na e pela sociedade (CARNEIRO et. al., 2008: 233).

Por esse motivo, deve-se levar em conta o reforço do aparato policial na região, sobretudo, quando se trata da falta de fiscalização nas rodovias, em especial na BR-405 que corta o Alto Oeste Potiguar. Todos os esforços feitos não têm sido suficientes para combater os acidentes de trânsito, pois nos últimos anos os registros mostram uma elevação no número de acidentes, num total de 1.874 casos de 2005 a 2010. Porém, ressalta-se que a maioria desses acidentes deve ter uma relação direta com o abuso de álcool, cujos índices de prisões motivadas por casos de embriaguez e desordem totalizaram no período acima 10.032.

Outra grande preocupação que suscita um olhar mais apurado de análise são as ondas de violência, que a cada dia aumenta nas grandes e médias cidades brasileiras. Assim deve-se levar em consideração que algumas cidades do Alto Oeste Potiguar já estão testemunhando aumento dos índices de homicídios (gráfico 1), embora não sejam índices elevadíssimos, quando se compara a cidades maiores, mas já se torna algo preocupante para a região, que conseqüentemente aumenta o medo e produz sentimento de insegurança na mente das pessoas.

Figura 01: Alto Oeste Potiguar-RN: Homicídios (2010)



Fonte: Adaptado dos check-ups do 7º Batalhão de Polícia Militar.

Nos últimos anos os homicídios vêm aumentando gradativamente na região, já que no ano de 2010 as cidades que mais lideraram esse ranking foram Pau dos Ferros, Alexandria, Umarizal, Tenente Ananias e Patu, todos eles num intervalo de 4-7 casos de homicídios na região.

A ausência de investimento da segurança pública por parte do Estado faz com que as pessoas construam cotidianamente a segurança privada, seja de uma cerca elétrica, de uma câmera de vigilância ou de uma arma de fogo. Como lembra Tuan (2005: 12) [...] “todas as fronteiras construídas pelo homem na superfície terrestre – cerca viva no jardim, muralha na cidade, ou proteção do radar – são uma tentativa de manter

controladas as forças hostis”.

Dessa forma, a violência ganha peso e torna-se instrumento de dominação quando a segurança pública não atua na sociedade de forma significativa e eficiente, ela “[...] apresenta-se como temática candente e viva na realidade urbana atual” (BAIERL, 2004: 51). Contudo, o poder que o Estado pode exercer na região promovendo a segurança pública é de extrema importância para combater a violência e o medo, sobretudo, agindo em união com outros órgãos governamentais através de políticas públicas. Como aponta Carneiro (2010: 07) que diz ser necessária a construção de um “espaço público comunicativo, pois a comunicação é o fundamento da transformação humana e social”. Nesse sentido busca-se constantemente lutar contra o medo originado da violência, já que “esta discussão no Brasil adquiriu grande importância nos últimos dez anos, passando a mobilizar cientistas sociais, pedagogos, filósofos, economistas e juristas” (ZALUAR, 2001: 147). Para esta autora é necessário que este tema seja amplamente importante no bojo das discussões intelectuais, porém, é preciso que a sociedade de uma forma geral seja capaz de contribuir em concerto e união, não somente para que este assunto fique somente numa simples pauta de discussão, mas que as estratégias discutidas possam ajudar a combater ou pelo menos diminuir boa parte da violência no país.

Assim, “o poder corresponde à habilidade humana não apenas para o agir, mas para agir em concerto, em grupo. Dessa forma, o poder nunca é propriedade de um indivíduo, mas de um coletivo, e só permanece em existência na medida em que esse grupo se conserva unido” (ARENDR, 2007: 42). A união do poder público para combater a criminalidade é tema que vem sendo discutido inúmeras vezes e os resultados positivos só irão acontecer quando o Estado deixar evidenciado seu papel não só na teoria, mas executá-lo na prática.

Considerações Finais

Vale ressaltar que o medo e a violência só irão diminuir quando os gestores estiverem realmente preocupados com a população, investindo e trabalhando na criação de políticas públicas, que possam atender a demanda populacional e ofertar emprego e educação de forma mais justa e equilibrada.

Cabe também ao estado investir fortemente na tecnosfera da segurança para evitar que os indivíduos produzam em seus pensamentos uma psicofera da insegurança, fazendo com que eles estejam predominantemente ligados a uma espécie de consumo, relacionados a uma arquitetura do medo em suas residências e originando como consequência o medo de exercer suas vidas normalmente com liberdade e tranquilidade.

Desse modo, o papel do Estado quanto aos investimentos na melhoria ambiental é de papel fundamental, que leva a diminuição da violência e suas consequências. Ele exerce um papel positivo e importante na construção de um ambiente construído de políticas públicas fortes que contribua para todos e de preferência aos mais jovens, dentro do

território. Como consequência positiva, a violência vai diminuir e deixará de existir nesse meio, então o cidadão poderá sair de casa, andar nas ruas, visitar amigos sem nem uma sensação de medo ou perigo.

Quanto ao período técnico-científico-informacional acredita-se que essa fase também possa trazer contribuições para capacitar os cidadãos e tornar a sociedade mais equilibrada na qual todos possam ter o direito a inclusão social, “[...] ao pensar na construção de novas horizontalidades que permitirão, a partir da base da sociedade territorial encontrar um caminho que se anteponha à globalização perversa e nos aproxime da possibilidade de construir uma outra globalização” (SANTOS, 2012: 259), a globalização que possibilite preparar seres humanos capacitados para produzir um mundo mais justo, solidário e de paz.

Referências bibliográficas:

ARENDETT, H. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2007. p.114

BAIERL, L. F. **Medo social. Da violência visível ao invisível da violência**. São Paulo: Cortez, 2004.

BAUMAN, Z. **Medo Líquido**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

CARNEIRO, R. N. et. al. **Segurança insegura e violência na região do Alto Oeste Potiguar**. In: II SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE AS GEOGRAFIA DA VIOLÊNCIA E DO MEDO: PELO DIREITO À VIDA: UM ESPAÇO CIDADÃO, 2008, Recife. Anais... 2008. p. 231-245.

_____. **Violência e Medo na "tromba do elefante"**. Tradição e Modernidade. In: III Simpósio Internacional sobre as Geografias da Violência e do Medo. Recife: 3. ed. Editora da UFPE, 2009.

_____. **Espaço público comunicativo**. In: IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE AS GEOGRAFIAS DA VIOLÊNCIA E DO MEDE: "DOS ESPAÇOS DO MEDO À PSICOSFERA DA CIVILIDADE, A PREMÊNIA DE UMA NOVA ECONOMIA POLÍTICA/TERRITORIAL", 2010, Recife. Anais... Recife: Editora da UFPE, 2010.

CARNEIRO, R. N.; M. A.L; F. M. S. **A arquitetura da violência e do medo em Pau dos Ferros, Estado do Rio Grande do Norte, Brasil**. In: XVIII ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA E VI JORNADA GEOGRÁFICA, 2011, Pau dos Ferros. Anais... 2011.

IBGE. **Pau dos Ferros-RN – dados básicos**. IBGE: Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=240940#>> . Acesso em: 27/05/2013.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

___ **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio técnico-científico-informacional**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

___ **A Urbanização Brasileira**. São Paulo, - 5. Ed., 2. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. (coleção Milton Santos).

___ **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: ed. da Universidade de São Paulo, 2012. (Coleção Milton Santos; 1)

SÁ, A. J. (org). **Pelo direito à vida: a construção de uma geografia cidadã**. Recife: Ed. UFPE, 2008. p. 279-296.

TUAN, Y. **Paisagens do Medo**. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

ZALUAR, A. **Violência extra e intramuros**. Revista Brasileira de Ciências sociais, v. 16, n. 45, p. 145-162, São Paulo, 2001.